

G.H. E BERNARDO SOARES: ESTILHAÇOS DO “EU”

Marcele Aires Franceschini¹

Resumo – Não se pode dizer que seria mero acaso encontrar ecos e ressonâncias literárias entre o **Livro do desassossego** (1914), de Fernando Pessoa, e **A Paixão segundo G.H.**, obra de Clarice Lispector lançada exatamente sessenta anos após a publicação do escritor português. Ambos os autores, através de seus eu-líricos, buscam por uma via de ruptura e de fragmentação em relação ao conceito usual de romance, destruindo o enredo, a ligação entre personagens e o aspecto tradicional de cronotopo para dar vida ao pensamento ontológico, comungado através do monólogo existencial, da ânsia por conquistar um sentido de alteridade e por expressar a mundividência com questionamentos que constituem, lícitamente, a dramaticidade do Ser.

Palavras-chave: **A Paixão segundo G.H.**, **Livro do desassossego**, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, narrativa ontológica.

Abstract – It is not “by chance” that one can find literary echoes and resonances between the **Livro do desassossego** (1914), by Fernando Pessoa, and **A Paixão segundo G.H.**, by Clarice Lispector, who published her book exactly sixty years after the Portuguese writer. Both authors, through their “lyric selves”, searched for a rupture of the usual concept of romance, destroying the plot, the unit among characters and the traditional aspect of the chronotope. This all to give life to the ontological thought, shared through the existential monologue, the desire to conquest a sense of otherness and to express the drama of the Being.

Key words: **A Paixão segundo G.H.**, **Livro do desassossego**, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, ontological narrative.

1. A anatomia do surto

Em **Xerazade e os outros**, romance de Fernanda Botelho publicado em 1973, a protagonista expressa: “Bem roída me sinto por dentro, toda amachucada, como os meus vestidos de outrora. Sou alguém, duvidam?” (p. 25). Apropriadamente, pode-se dizer que esse fragmento reveste com propriedade a proposta ontológica de Clarice Lispector em **A Paixão segundo G.H.** (1964) e de Fernando Pessoa no **Livro do desassossego – composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa** (1914). A pergunta ecoa fértil como água do Tejo: “Sou alguém, duvidam?”. Sobretudo porque eis duas narrativas compostas em vazão criativa, caracterizadas pela ausência de trama definida nos moldes tradicionais, não se limitando a um tempo cronológico tampouco a personagens planos, destituídos de profundidade dramática. De fato, os romances não aparecem explícitos, mas implícitos: o leitor não

¹ Doutoranda do Departamento de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP).

decifra o enredo, mas o constrói a partir dos dados psicológicos fornecidos pelos narradores-protagonistas – embora soem enigmáticos e complexos: “Entregar-me ao que não entendo será pôr-me à beira do nada. Será ir apenas indo, e como uma cega perdida num campo” (LISPECTOR, 1998, p.18); “Nestas impressões sem nexos, sem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem fatos, a minha história em vida. São as minhas confissões, e, se nelas nada digo, é porque nada tenho a dizer” (PESSOA, 1999, p. 54).

É bem verdade que a autora brasileira não faz uso de heterônimo em seu romance, trazendo à tona simplesmente “G.H”, o eu-lírico em estado introspectivo. Contudo, é preciso ficar claro que Pessoa também não trabalha com um “heterônimo” propriamente dito em sua obra: trata-se de um “semi-heterônimo”, visto que Bernardo Soares não possui personalidade tão pontuada quanto Alberto Caeiro, Álvaro de Campos ou Ricardo Reis, “donos” até mesmo de data de nascimento e morte (com exceção de Reis, que não possui data de falecimento). Portanto, é plausível definir Soares como uma “entidade literária”, tal o confessa o próprio Pessoa em carta a João Gaspar Simões, datada de 28 de julho de 1932: “[...] pois que o B. S. não é um heterônimo, mas uma personalidade literária” (apud COELHO [org.], 1982, p. 53).

Um importante dado relacionado aos heterônimos é que Pessoa vem a criá-los no momento em que enfrenta uma forte crise depressiva, justamente em 1914 – mesmo ano em que torna público o **Livro do desassossego**. A primeira notícia que se tem dele é em 1913, quando o português assina o artigo “Na Floresta do Alheamento”, publicado na **Revista Águia**, informando que este faz parte de obra “ainda em preparação” (apud GAGLIARDI, 2005, p. 01). Eis um trecho: “Sinto-me febril de longe... Num torpor lícido, pesadamente incorpóreo, estagno, entre o sono e a vigília, num sonho que é uma sombra de sonhar, misturam-se, e eu não sei onde estou nem o que sonho” (PESSOA, 1995, p. 135).

Por bem dizer, “heterônimos”, “pseudônimos”, *noms de plume* têm sido utilizados como máscaras retóricas por uma extensa quantidade de escritores ao longo da história literária, desde o discurso político clandestino à pornografia; desde as investidas de poetas que escrevem às suas *donna leggiadras* a narradores que realizam o embate de “caçar” sua própria identidade. A rapsódia homérica já traz o apelo do anonimato sob a égide das Musas, através da presença numinosa. Há também casos como o “duplo”

recorrente na produção de Dostoievski, de Borges e de Breton. No caso de Pessoa e de Lispector, ambos se utilizam da “voz autoral” como um instrumento de profunda reflexão sobre o Cosmos. O mundo é “transformado” por sua visão e os fenômenos põem-se ilimitados. Esta nova interação com o universo está ligada ao nascimento de uma escrita liberta do pensamento amarrado à lógica formal. O texto projeta-se com inesgotável expressividade uma vez que o “eu-narrador” não se limita a apenas simular a realidade, tornando-se o elemento mais indeterminável da obra:

Pertenço, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem nem vêm só a multidão de que são, senão também os grandes espaços que há ao lado. Por isso nem abandonei Deus tão amplamente como eles, nem aceitei nunca Humanidade (PESSOA, 1999, p. 45).

Tem-se aqui o pensamento interiorizado do “ajudante de guarda-livros de Lisboa”; um narrador itinerante, verdadeiro poeta *flâneur* como em Baudelaire. Tecendo considerações sobre o texto de Edgar Allan Poe, “O Homem da Multidão” (1857), Walter Benjamin explica: “A multidão não é apenas o mais novo asilo dos fora-da-lei; é também o último narcótico para os abandonados. O *flâneur* é alguém abandonado na multidão” (1973, p. 35).

Ora, o romance é uma visão macroscópica da existência. Neste universo, o escritor procura abarcar o máximo possível com sua intuição. Tal sentido, disposto na mundividência, faz com que exista na obra um sistema de idéias, pensamentos e imagens que unifique num só corpo o íntimo do eu-narrador. Através do monólogo o leitor passa a decifrar os personagens em estado de divagação.

Sem dúvidas, “divagação” é um conceito apropriado para se definir tanto o espírito da obra pessoana quanto da lispectoriana. Há um esforço de confissão, uma espécie de “síndrome de Fedra”, ainda que a verborrêia não salve o eu-lírico da inevitabilidade de sua condição humana. Segundo Barthes, a questão do “dizer ou não dizer” da tragédia está determinada pelo movimento dos segredos e dos consentimentos (apud ENRIQUEZ, 2003, p. 19). Logo, prevalece a sensação de um grito em cativo: é exatamente neste ponto que reside o desassossego em Bernardo Soares e na personagem G.H., pois, como a protagonista desabafa, “nenhum ruído e, no entanto, eu bem sentia o silêncio roçando o silêncio” (LISPECTOR, 1998, p. 49).

A leitura de **A Paixão segundo G.H.** e de **Livro do desassossego** é uma tarefa que exige a percepção do paradoxo, da desorganização, do desfazer, e principalmente, da ausência como recursos que aproximam o narrador do objeto. Objeto este impalpável, aquilo que não se diz por ser carente de nome: “Mas a mim caberá impedir-me de dar nome à coisa. O nome é um acréscimo, e impede o contato com a coisa. O nome da coisa é um intervalo para a coisa” (idem, p.140). Notavelmente, ambas as vozes autorais realizam uma “expedição arqueológica” em direção às mais remotas entranhas do Ser:

Toda a parte mais inatingível de minha alma e que não me pertence – é aquela que toca na minha fronteira com o que já não é meu, e à qual me dou. Sou mais aquilo que em mim não é [...]. Ah, meu amor, as coisas são muito delicadas. A gente pisa nelas com uma pata humana demais, com sentimentos demais (idem, pp. 123 e 154, respectivamente).

* * *

Se escrevo o que sinto é porque assim diminuo a febre de sentir. [...] Faço paisagens com o que sinto. [...] Desenrolo-me como uma meada multicolor, ou faço comigo figuras de cordel, como as que se tecem nas mãos espetadas e se passam de uma criança para as outras. [...] Viver é fazer meia com uma intenção dos outros. [...]. Crochê das coisas. Intervalo... Nada... (PESSOA, 1999, p. 54).

Ao protagonista de Pessoa, a vivência é um feroz organismo que vai se enredando – o “crochê das coisas”, como uma mão a emaranhar palavras. Mas não só a palavra. Tampouco a falta dela. Há igualmente um desassossego entre “o sonhar” e “o agir”; uma legítima fuga do mundo, como se as presenças narrativas buscassem encontrar outras vivências num permanente estado de vigília: “Tenho sonhado muito [...]. De sonhar ninguém se cansa [...]. Em sonhos consegui tudo. Também tenho despertado, mas que importa? Quantos Césares fui!” (idem, p. 130).

Na transição sono-vigília o devaneio surge como solução absoluta, já que o narrador passa a se encontrar em outro espaço, cuja paisagem traduz seu espírito de inquietação. De fato, Bernardo Soares caracteriza-se por desvelar tanto sua luta para reconhecer o mundo estilhaçado no qual vive quanto busca expressá-lo de forma dramática. Não se deve esquecer que Pessoa escreve os fragmentos componentes do **Livro do desassossego** em plena fase de ebulição da Primeira Grande Guerra.

Desassossego – na madrugada do dia 4 de agosto de 1914, cinco poderosos e bem equipados exércitos alemães (totalizando um milhão e meio de soldados) atingem o território belga. A Grã-Bretanha declara guerra à Alemanha, devido à violação do Tratado de 1831, que declarava a Bélgica campo neutro, bem como informa oficialmente o governo português que em caso de ataques da Alemanha contra qualquer possessão portuguesa, deve-se fazer prevalecer uma aliança anglo-portuguesa. O Congresso da República em Portugal aprova um documento de intenções sobre a condução da política externa, atestando que o país não faltaria aos seus compromissos internacionais, sobretudo no que diz respeito à Aliança Luso-Britânica (OLIVEIRA; RÊGO, 1995, p. 127).

O momento é de introspecção profunda; instante de encontrar no “eu” as respostas de um mundo suspenso, sem saída; mundo no qual o narrador não cabe tamanho o espanto. Daí a razão do **Livro do desassossego** ser fragmentado, envolvendo confissões, monólogos, reflexões e questionamentos. Não é em vão que a maior parte dos trechos dispostos na obra se apresente sem data ou assinatura. Acaso um ausente, um “eu” que em mim não, portanto não assina?

É bastante errôneo definir um gênero ou um conceito fechado para o **Livro de Pessoa**, até porque não se trata de um “livro romanciado” na acepção corrente do termo. Em **A Paixão**, Lispector enfrenta o mesmo desafio: sua obra não é desenhada nas normas do romance de tradição. Theodor Rosenthal analisa a prosa moderna expondo que “já não é possível apreend[ê-la] como um todo: trata-se de um ente híbrido, de um Proteu, carregado de manifestações, desejos e anseios humanos” (1975, p. 9). Veja-se: ambos os ficcionistas deixam sua obra solta, como um projeto pendente. No caso de Pessoa, ele relega um trabalho ainda mais árduo aos seus organizadores, seja no quesito seleção de textos, organização (!!!) e critérios. Seus trechos estão repletos de marcas de hesitação em relação à escolha de idéias e expressões, por isso mesmo a obra tem sido lida por parte da crítica como um espelho da organicidade fragmentária e caótica de seu criador.

Analogamente, Pessoa e Lispector vivenciam os estilhaços da realidade: a perspectiva de enredo unificado e bem traçado bane-se por completo e o que emerge são os mais distintos ângulos narrativos. A “ordem” indivisível da narrativa romanesca perde seu valor:

[...] é que a prosa ou o verso que escrevemos, destituídos de vontade de querer convencer o alheio entendimento ou mover a alheia vontade, é apenas como o falar alto de quem lê. [...]

Sabemos bem que toda obra tem que ser imperfeita, e que a menos segura das nossas contemplações estéticas será a daquilo que escrevemos (PESSOA, 1999, p. 46).

* * *

Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo. [...]

Até criar a verdade do que me aconteceu (LISPECTOR, 1998, p. 21).

Sob este prisma, a pluralidade que permeia a existência humana se manifesta tanto em **A Paixão** quanto no **Livro** através de um retorno ao âmago do mundo. Quando se perde a identidade e a linguagem é recriada, numerosas possibilidades ocorrem como quem observa imagens fragmentadas num caleidoscópio. As visões ampliam-se neste momento, pois o material psíquico se torna mais importante do que a aparência exterior: “Nós nunca nos realizamos. Somos dois abismos – um poço fitando o Céu” (PESSOA, 1999, p. 54); “Um abismo de nada. Só essa coisa grande e vazia: um abismo” (LISPECTOR, 1998, p. 26).

Eis o abismo, o incomensurável; o *unheimliche* freudiano – tudo aquilo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz (1919, p. 282) – pois é só através do insondável que se encontra o caminho. É notório que logo no início da narrativa G.H. propõe um percurso ao revés: “Todo momento de achar é um perder-se a si próprio” (LISPECTOR, 1998, p. 16).

Antonio Tabucchi pontua que o “desassossego” se transformou em “ferida” na alma de grandes escritores do século XX, a exemplo de Appolinaire, Gadda e Ungaretti. Diz ele: “o massacre das trincheiras [transformou-se] em massacre das consciências” (2001, p. 02). Neste cenário o eu-narrador provoca a “cissura” nos textos à medida que “se transforma”, “transmuta-se”, “desfigura-se” para entender o mundo mutilado. A partir dos dados de consciência, a “multiplicação” do autor-narrador surge como fato incontestável, a ponto de Bernardo Soares confessá-la seguidas vezes. Leia-se:

Cada vez que viajo, viajo imenso!

[...] ao passar diante de casas, de vilas, de chalés, vou vivendo em mim todas as vidas das criaturas que ali estão. Vivo todas aquelas

vidas domésticas ao mesmo tempo. Sou o pai, a mãe, os filhos, os primos, a criada e o primo da criada, ao mesmo tempo e tudo junto, pela arte especial que tenho de sentir ao mesmo (tempo) várias sensações diversas, de viver ao mesmo tempo – e ao mesmo tempo por fora, vendo-as, e por dentro sentindo-as – as vidas de várias criaturas (PESSOA, 1999, p. 283).

A fragmentação aqui se revela a partir da visão de alteridade, já que, no final das contas, a razão de ser do escritor é o leitor que o segue. O outro se torna substancial à narração, num círculo que garante a validade autoral na mão que escreve e no vivente que decifra a obra: “[...] o primeiro passo em relação ao outro é achar em si mesmo o homem de todos os homens. [...] E então, pela simples presença da existência deles, revel[am] a nossa” (LISPECTOR, 1998, p. 174); “[...] sou, a cada momento da conversa, uma multidão de seres conscientes e inconscientes, analisados e analíticos, que se reúnem em leque aberto” (PESSOA, 1999, p. 289).

Na “Introdução” da edição crítica de **A Paixão segundo G.H.**, Benedito Nunes esclarece que “o gesto patético” de G.H., ao segurar a mão de uma segunda pessoa enquanto está narrando, vem a ser “um expediente ficcional, que amplia a dramaticidade da narrativa e autentica o paroxismo da personagem”. Ele completa: “este gesto dialogal dirigido a um tu localizado na fímbria da narrativa, irrompe no solilóquio, como proposta de um novo pacto com o leitor [...]” (1999, pp. 11-12). Condescendente, José Gil, Professor de Filosofia da Universidade de Lisboa, sustenta que o que ocorre no **Livro do desassossego** é uma busca por respostas, pois o sujeito narrador assume características mutantes, “infinitamente grandes ou pequenas”. No seu ponto de vista, “Bernardo Soares é inteiramente um sonhador” (2000, p. 3).

À medida que acolhem o caos, a ruptura, ambas as narrativas se aproximam do insólito, da anarquia interna, e daí o pensamento ontológico aparece. Bernardo Soares é, pungentemente, o viajante rumando a lugar algum. Sua única bússola é a não-resposta: “Escrevo atentamente [...] e ao mesmo tempo o meu pensamento segue, com igual atenção, a rota de um navio inexistente por paisagens de um oriente que não há” (PESSOA, 1999, p. 285).

É, pois, na ausência, na fragmentação do “eu” que G.H. e Bernardo Soares se preparam como num batismo para entrar no núcleo da consciência narrativa. Os protagonistas tencionam seus textos num tempo interior; tempo de duração emocional; incomensurável. Em outras palavras, tempo da memória involuntária, pressuposto como

descontínuo – a duração, em que a ação formal de presente-passado desaparece totalmente. Tempo como um verdadeiro dado imediato da vivência; tempo interior, imerso no labirinto mental de cada um, apenas cronometrado pelas sensações, idéias, pensamentos e vivências, como trabalha Bergson em **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência** (1988, p. 27).

Em ambas as narrativas a ação vem a ser mitificada em dois momentos: o sinestésico e a vigília. A faculdade do sentir é o único elemento que traz aos olhos do leitor a existência concreta de um Bernardo Soares, “ajudante de guarda-livros”. A matéria carnal representa uma espécie de corredor onde imagens e sensações saem e retornam continuamente, e o “eu” se torna pungente por constituir-se no palco lascivo das manifestações humanas. Em outras palavras, as sensações tornam-se o único meio pelo qual o narrador se comunica com o mundo: “Na verdade, não possuímos mais que as nossas próprias sensações; nelas, pois [...] temos que fundamentar a realidade da nossa vida” (PESSOA, 1999, p. 130); “A alegria de perder-se é uma alegria de sabath. Perder-se é um achar-se perigoso. Eu estava experimentando naquele deserto o fogo das coisas: e era o fogo neutro. Eu estava vivendo da tessitura de que as coisas são feitas” (LISPECTOR, 1998, p. 102).

O outro lado da moeda é o estado de latência que domina os protagonistas de um mundo em conflito. Assim, se a tentativa incompleta da palavra gera o delírio, o corpo necessariamente torna-se veículo inevitável do sonho, invólucro da inspiração:

Sim, sonhar que sou por exemplo, simultaneamente, separadamente, inconfusamente o homem e a mulher dum passeio que um homem e uma mulher dão à beira-rio. Ver-me, ao mesmo tempo, com igual nitidez do mesmo modo, sem mistura, sendo as duas coisas com igual integração nelas, um navio consciente num mar do sul e uma página impressa dum livro antigo. Que absurdo que isto parece! Mas tudo é absurdo, e o sonho é o que é menos (PESSOA, 1999, pp. 172-73).

Neste estado de vigília permanente explode o viver não só do narrador, mas das mais variadas realidades que pulsam à sua volta. Os personagens-narradores desfazem o novelo que caracteriza sua consciência, criando variadas leituras de seus pensamentos interiorizados. O que acontece na literatura do XX é o reconhecimento da História na literatura através da despersonalização, pois é através do “eu-em-mil-cacos”, do “eu-impasse” que se revelam as tensões pessoais em relação às trincheiras do mundo.

Observar os acontecimentos exteriores em estado latente é não mais do que uma saída dramática a expressar o posicionamento do ser num mundo caótico, em total ruptura. Bachelard expõe que o devaneio é um “fenômeno da solidão, um fenômeno que tem sua raiz na alma do sonhador”. Ele continua: “Em que espaços vivem nossos sonhos? O espaço de nosso sonho é verdadeiramente um espaço de repouso? [...] a noite do bom sono possui um centro, uma meia-noite psíquica onde germinam virtudes de origem [...]” (1986, pp. 159-60).

Esta “meia-noite psíquica” do estado de vigília é exatamente o ponto de confluências, vácuo onde se ressaltam os conflitos através do descompasso do tempo e da falência de respostas no mundo caquético do “entre” e do “pós” Guerras do XX. Eis que morre o *chronos* tradicional: a configuração temporal não mais apresenta o fluxo da vida de modo convencional, dando ao homem caráter efêmero. A exemplo de James Joyce, Virginia Woolf e William Faulkner, Pessoa e Lispector apresentam a realidade tão complexa que já não pode ser representada adequadamente através de descrições concretas, diluindo-se na fragmentação do mundo e dos acontecimentos.

Faulkner, em **The sound and the fury** (1929), demonstra a destruição do tempo convencional com o personagem Quentin, apanhando o relógio de seu avô e quebrando-lhe os ponteiros. O mesmo ocorre no filme **Morangos Silvestres** (1957), de Ingmar Bergman – uma das cenas é bastante pontual: um relógio sem ponteiros. Roberto Schwarz, em artigo sobre **Perto do coração selvagem** (1943), atesta tal característica na obra de Lispector: “o tempo inexistente como possibilidade de evolução” (1965, p. 41). Álvaro Lins chega a afirmar que o romance clariceano de modo geral “parece inacabado ou mutilado” (1963, p. 40).

Sob este vértice, a importância do cronotopo em **A Paixão** e no **Livro** não é meramente cênica, traduzindo-se em uma unidade representativa que faz com que todos os elementos abstratos presentes na prosa (seja ela romanesca ou poética) gravitem em torno da ausência da definição temporal. Tal idéia de ruptura cronológica é validada no processo narrativo, extensão onde o eu-lírico anuncia suas pulsações fluídas no instante perpétuo, pois, como expressa G.H.: “Dois minutos depois de nascer eu já havia perdido as minhas origens” (LISPECTOR, 1998, p. 28).

É evidente que o eu-narrador não desempenha o papel de sujeito a apenas emitir enunciados; tampouco releva fatos concretos de pessoas, coisas, datas ou

acontecimentos palpáveis – pelo contrário: à medida que arrebatada a pluralidade dos fenômenos sobre o mundo nu e cru, decifra-o:

[...] vejo as secções das fábricas, das máquinas, os operários, as costureiras, meus olhos virados para dentro penetram nos escritórios, vejo os gerentes procurar estes sossegados, sigo, nos livros, a contabilidade de tudo; mas não só isto: vejo, para além, as vidas domésticas dos que vivem a sua vida social nessas fábricas e nesses escritórios... Todo o mundo se me desenrola aos olhos [...] (PESSOA, 1999, p. 282).

O eu-lírico do tempo presente em Pessoa insere-se na indefinição, no desconhecido, no tema clássico da “perda de civilização”. Há uma evidente recusa – tanto por parte de G.H. quanto de Bernardo Soares – em relação ao valor de “civilidade” nos termos de Voltaire, que a equipara como a “doce imagem da bondade do coração” (apud CASO, 1943, p. 21). Já não se deseja mais a “bondade” utópica institucionalizada nos moldes das “boas maneiras” e das regras de comportamento social. Por bem dizer, ambos os narradores-personagens buscam, em estado vigilante, civilizações no plural, renunciando ao ideal de sociedade, organização, nação, pátria ou agrupamento étnico, político ou religioso. Ir contra o ideal de civilização é, antes de tudo, “não negligenciar qualidades universais, sociais, morais, intelectuais que a palavra implica em seu nascimento. É tender a considerar todas as experiências humanas com igual interesse, as da Europa, assim como as dos outros continentes” (BRAUDEL, 1992, p. 239).

O essencial nas obras expostas é a “via-crucis” percorrida pelos respectivos narradores: nasce o mistério insondável, a permanecer insondável, pois o eixo da ação se dá unicamente através do “eu”. Ambos G.H. e Bernardo Soares seguem seus impulsos interiores, correspondendo a símbolos vivos de nosso “eu profundo”, “alter-egos” livres para concretizar a “fuga libertadora” proposta por Massaud Moisés em **A criação literária** (1979, p. 143). Têm-se aqui a condição do “eu-lírico-narrador” a desnudar seus estados de alma no instante em que investe na desmaterialização da palavra: “A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem” (LISPECTOR, 1998, p. 176); “Há metáforas que são mais reais do que a gente que anda na rua. Há imagens nos recantos de livros que vivem mais nitidamente que muito homem e muita mulher. Há

frases literárias que têm uma individualidade absolutamente humana” (PESSOA, 1999, p. 172).

Pode-se dizer que tanto o **Livro do desassossego** quanto **A Paixão segundo G.H.** são “não-livros”, situados num “não-tempo”, desprovidos de critérios formais e tradicionais de crítica avaliativa. Tais narrativas vão além, sempre no esforço de traduzir, através da auto-reflexão, a essência do ser e do Universo que o projeta como ente vivo; existência sublime, mais que matéria, mais que lógica. Ser: fragmento do Cosmos.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. 2 ed. Trad. José Américo Motta Pessanha et al. São Paulo: Difel, 1986.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 4 ed. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Ed. Unesp; Hucitec, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Discursos Interrupidos**. Trad., prolog. y notas de Jesus Aguirre. Madrid: Taurus, 1973.
- BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Trad. João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CASO, Antonio. **Filósofos y moralistas franceses**. México (DF): Editorial Stylo, 1943.
- COELHO, Jacinto do Prado. **Diversidade e unidade em Fernando Pessoa**. 3 ed. Lisboa: Verbo, 1969.
- ENRIQUEZ, Eugène. “A Construção Amorosa”. Trad. Eunice Dutra. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, jun. 2003, pp. 13-25.
- FREUD, Sigmund. “O Estranho” (1919). In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Trad. Péricles da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GAGLIARDI, Caio. “O Livro do Desassossego: uma prateleira de frascos vazios”. **Revista Crítica e Companhia**, Campinas, 30 mar. 2005.
- GOTLIB, Nádya Batella. **Clarice: uma vida que se conta**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Tema e técnica”. **Remate de Males**, Campinas, n. 9, 1989.
- GIL, José. “José Gil decompõe o Livro do desassossego”. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, 17 mai. 2000.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **Fernando Pessoa, o outro**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1967.

- LINS, Álvaro. “A experiência incompleta”. In: **Os mortos de sobrecasaca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- LISPECTOR, Clarice. **A Paixão segundo G.H.** Edição crítica. Coord. Benedito Nunes. São Paulo: ALLCA XX, 1996.
- _____. **A Paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARINETTI, F.T. “Supplément au Manifeste technique de la littérature futuriste”. Em: ARANHA, Graça (org). **Futurismo** (Manifesto de Marinetti e seus companheiros). Rio de Janeiro: Pimenta Melo, 1926.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 9 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.
- OLIVEIRA, António Braz de; RÊGO, Manuela (org). **Portugal, a guerra e os novos rumos da Europa**. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.
- PAZ, Octavio. **In / Mediaciones**. 3 ed. Barcelona: Seix Barral, 1990.
- PESSOA, Fernando. **Alguma prosa**. Org. e pref. Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. **Livro do desassossego** (Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa). Org. Ricardo Zenith. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- _____. **Por Bernardo Soares**. Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha; pref. e org. Jacinto Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1982.
- ROSENBAUM, Yudith. **Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2006.
- ROSENFELD, Anatol. **Texto/Contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ROSENTHAL, Theodor. **O universo fragmentário**. Trad. Marion Fleischer. São Paulo: Ed. Nacional; Edusp, 1975.
- SANTANA, Afonso Romano de. “Laços de família”. In: **Análise estrutural de romances brasileiros**. Petrópolis: Vozes, 1974, pp. 180-212.
- SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. 10 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1993.
- SCHWARZ, Roberto. “Perto do coração selvagem”. In: **A sereia e o desconfiado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- SIMÕES, J. Gaspar. **Vida e obra de Fernando Pessoa: história de uma geração**. 6 ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
- TABUCCHI, Antonio. “O Fio do Desassossego”. (Baseado em: Il Fio Dell' Orizzonte). Trad. Sergio Molina. **Folha de S. Paulo**, Mais!, São Paulo, 9 set. 2001.
- VILHENA, Ramires. **Compreender Pessoa**. Lisboa: Vega, 1986.
- WALDMAN, Berta. **A paixão segundo Clarice Lispector**. 2 ed. São Paulo: Ed. Escuta, 1992.